

Senador prevê déficit fiscal e aumento da dívida pública em 98

Em parecer sobre a programação monetária do governo, Kleinubing diz não ver progresso no curto prazo

BRASÍLIA – Mesmo com a receita das privatizações, o governo não conseguirá reduzir o déficit fiscal este ano e a dívida pública crescerá. Essa é uma das conclusões do senador Vilson Kleinubing (PFL-SC), em parecer sobre a programação monetária do governo para o terceiro trimestre, submetida ao Senado pelo governo.

“O crescimento do déficit e do endividamento público, apesar do ajuste fiscal não-financeiro e dos recursos das privatizações, revelam, em grande medida, o impacto da elevação dos juros nos gastos públicos com os chamados encargos financeiros”.

Kleinubing, que é vice-líder do governo no Senado para assuntos

econômicos, disse, em seu parecer, que as autoridades monetárias reconhecem que “a situação fiscal persiste como fundamento econômico a apresentar evolução menos favorável”. O senador afirmou também que, apesar da determinação do governo quanto à reforma do Estado, as autoridades entendem que esta “não deverá resultar em progressos significativos no que se refere aos déficits fiscais em 1988”.

De acordo com os dados apresentado por Kleinubing em seu parecer, o déficit fiscal acumulado totalizou R\$ 2,8 bilhões no primeiro trimestre, com receitas de R\$ 32,7 bilhões e despesas de R\$ 35,5 bilhões. “Com efeito, o déficit primário atingiu, até março, 0,8% do Produto Interno Bruto (PIB) e o dé-

ficit nominal, 6,5% do PIB, uma vez que os juros nominais atingiram 5,7% do PIB”, afirmou.

Em sua análise, o vice-líder mostra que a desaceleração da economia brasileira teve início no terceiro trimestre de 1997 – ou seja, antes da elevação das taxas de juros por causa da crise asiática –, diz que o desemprego continua sendo uma das graves consequências “deste momento econômico brasileiro” e ressalta os ganhos obtidos na área externa, com a redução do déficit da balança comercial e das transações correntes do País.

Kleinubing alertou para o imponderável da situação financeira internacional. “No plano externo, tudo vai depender da evolução da crise asiática”, diz.

PARLAMENTAR
RECONHECE
GANHOS NA
ÁREA EXTERNA